

REDAÇÃO SEM MEDO: Vamos praticar a escrita

Priscila Martins Yoshida

Resumo

Este livro foi publicado em Março de 2006 pela Editora Pontes. Redação sem medo: vamos praticar a escrita é resultado de muitos anos ensinando e trabalhando com a prática de produção de textos. Sempre surgem dúvidas e questionamentos dos alunos de como tornar a escrita algo agradável, pois todos sempre acham que ler e escrever é muito chato. Este livro é uma resposta às perguntas dos alunos, uns chegam bem tímidos, e estes têm as dúvidas que mais enriqueceram este trabalho, eles acham que suas dúvidas são bobas, mas ao contrário, são muito relevantes. “Professora, dá pra fazer um resumão de como eu posso escrever uma boa redação na hora do vestibular?”. E já sabendo que a resposta é “NÃO”, que escrevi meus textos, a eles acrescentei muito mais, recolhi material de jornais durante anos, aprendi através da leitura e correção dos textos produzidos a partir do primeiro texto-estímulo. Aprendi que com um bom texto pode-se ter um bom texto-estímulo. As matérias de jornais são fonte de informação, de crítica, e de acesso a um bom vocabulário, a uma escrita exemplar. Elas podem ser inspiração para a produção de textos escritos para qualquer finalidade. A leitura do jornal ajuda o aluno a acompanhar o raciocínio desenvolvido pelo escritor, a ter conhecimentos de coesão e coerência.

Apresentação

Procurei utilizar uma linguagem simples, de fácil entendimento, nos capítulos há sempre uma parte teórica, entremeada com comentários e exemplos, há sempre falas minhas inseridas ao longo do texto. É como uma conversa com o leitor. O texto é uma resposta às perguntas dos alunos, uns chegam bem tímidos, e estes têm as dúvidas que mais enriqueceram este trabalho, eles acham que suas dúvidas são bobas, mas ao contrário, são muito relevantes.

No capítulo 15, apresento 14 propostas de redação com textos-estímulo para a leitura e a prática de produção de textos.

Tudo isso e mais muitas outras tarefas comuns aos professores, como a leitura diária de jornais à caça de bons artigos para usar em sala de aula, a leitura de revistas e livros, são o que deram impulso para que este livro fosse ganhando forma.

Realizei inúmeras pesquisas na *Internet*, copiei e coleí vários textos dela, procurei nos *sites* das instituições as provas dos vestibulares para trabalhá-las em sala de aula com os alunos, criei minhas próprias propostas, meus textos expositivos das aulas, e aqui está esse material, relido, retrabalhado, e por serem dados de diferentes fontes e instituições, apresentam formas diferentes de citar autores, obras, etc, fui fiel ao original de onde retirei as informações, e por isso algumas variações poderão ser percebidas ao longo da leitura deste livro.

Há também um ponto crucial e que muito me estimula, porque vejo os adolescentes, cada vez menos, dedicando tempo à leitura, se distanciando dos livros e do conhecimento, tudo é muito rápido e superficial, não há aprofundamento nos estudos, e por isso luto para que eles ainda saibam quem foram Fernando Pessoa, Honoré de Balzac, William Shakespeare, Eça de Queirós, Gustave Flaubert, José de Alencar,

Charlotte Brönte, Mary Shelley, Edgar Allan Poe, Graciliano Ramos, Visconde de Taunay, Clarice Lispector, etc, etc, etc; faço-os ler nem que seja apenas uma citação destes, ou seus contos, para que eles conheçam também autores clássicos e consagrados, para que se lembrem que a humanidade (eles) ainda pode produzir muito conhecimento, mas que para isso é preciso ler, interpretar e saber escrever, não abandonar a linguagem culta jamais. Acredito que dominar a linguagem culta nos auxiliará sempre, e que portanto ela deva sempre ser aplicada em textos escritos.

Transformar minhas idéias em um todo coeso e que seja válido para que outros o utilizem não foi tarefa fácil, são mil questões que nos fazemos ao mesmo tempo, a procura por dados precisos é incessante, o interesse é sem medida, as tardes são consumidas inteiras diante de uma tela de computador e há sempre algo mais a ser acrescentado, a ser mudado, mexido, nunca estaremos satisfeitos, pode ser que você leitor encontre falhas aqui, que não goste de alguma afirmação, que discorde, mas quero deixar claro que este é o caminho que eu, Priscila, percorri, as sinapses que meu cérebro realizou, e as afirmações são verdades nas quais eu acredito hoje.

O texto a seguir é um dos mais belos ensaios que já li sobre a Televisão, traz boas propostas para o futuro, propõe uma nova visão crítica que elucida pontos que muitos não ousariam pensar. Vale a pena conferir.

“Por um modelo mais criativo - Nova rede poderia disputar audiência com as comerciais em igualdade de condições, como ocorre em outros países. Por Laurindo Leal Filho (sociólogo, jornalista e professor da USP).

Os anos 20 do século passado registraram uma curiosa coincidência para a história da radiodifusão no Brasil e no Reino Unido. Aqui, Edgard Roquette-Pinto, um intelectual multifacetado, via no rádio a possibilidade de um salto cultural semelhante ao trazido pelos livros à humanidade e fundava a primeira emissora brasileira, a Radio Sociedade do Rio de Janeiro. Lá, John Reith, um engenheiro calvinista escocês, atendia a um anúncio de jornal, empregava-se na recém-criada BBC, chegando logo ao posto de diretor-geral. Via no rádio a possibilidade de levar o que de melhor existe das realizações humanas.

Sem se conhecerem, separados pelo atlântico, coincidiam na idéia de que o invento, ao se popularizar, socializaria sem discriminações a riqueza espiritual de seus povos. Além de contribuir para elevar as condições de cidadania através da difusão equilibrada de informações. Dadas as condições tecnológicas, cabia elaborar o modelo institucional capaz de garantir a independência desse novo serviço. Roquette-Pinto e Reith também não tinham dúvidas: só um serviço público, livre das ingerências do Estado ou das pressões comerciais asseguraria a liberdade necessária. As emissoras, para isso, deveriam ser conduzidas e mantidas pelo público. No Brasil surgem as rádios formadas por sociedades ou clubes de ouvintes (daí a existência até hoje de emissoras em seus nomes).

No Reino Unido, a BBC será dirigida por um conselho independente do governo e financiada por uma taxa paga por todos os proprietários de receptores de rádio. Lá, o modelo permanece com vigor até hoje, revigorado com a chegada da televisão. Aqui, na curva dos anos 1930, o primeiro governo Vargas abriu a possibilidade da veiculação da propaganda pelo rádio, descaracterizando a idéia inicial. A televisão, ao ser implantada, seguiu a trilha do rádio como empreendimento comercial, que se tornou hegemônico em nosso país. Tendo como indicador absoluto de qualidade os índices de audiência, a

televisão no Brasil distanciou-se dos pioneiros da radiodifusão. Oferece ao público apenas aquilo que dá perspectivas mais imediatas de lucro, excluindo uma ampla gama de manifestações culturais e artísticas, sobre as quais a sociedade tem o direito de acesso.

Para reverter esse quadro, torna-se necessária uma rede pública nacional de televisão, com força suficiente para servir de contraponto e de referência ao modelo comercial.

Como fazer isso? Do ponto de vista institucional, criando um Conselho Coordenador Nacional das Emissoras não comerciais, reunindo neste primeiro momento todas as instituições que se enquadrem nesse perfil.

Do ponto de vista do financiamento, nenhuma das alternativas hoje existentes deveria deixar de ser levada em conta, com exceção do anúncio comercial, incompatível com a linguagem de uma televisão pública. O apelo ao consumo, conquistado através da emoção, é inconciliável com uma programação mais reflexiva, balizadora do modelo. Mas devem ser considerados recursos provenientes do Estado; de apoios culturais; de doações efetuadas por pessoas físicas e jurídicas; de serviços prestados a terceiros, da venda de produtos e do aluguel que deveria ser pago pelas concessionárias privadas pelo uso do espectro eletromagnético. Sustentada por essa base institucional e financeira, a nova rede disputaria audiência com as emissoras comerciais em igualdade de condições, como ocorre hoje em países como a França, a Alemanha e o Reino Unido.

Mas aí chegamos ao ponto mais importante. O suporte institucional é fundamental, mas só ele não garante qualidade capaz de conquistar o telespectador. É preciso abrir a TV à experimentação e à criatividade dos produtores brasileiros. A elas se associam o papel crítico da própria televisão e a oferta de programas de qualidade em toda a sua programação. Com isso, estaria sendo dada a oportunidade de conhecer e de se acostumar com o 'biscoito fino', no dizer de Oswald de Andrade. Sem saber o que é bom, fica difícil exigir o melhor. O resultado de uma programação desse tipo seria não só de dar diretamente ao público o melhor da arte, da cultura e da informação existentes no país, mas também o de levar a televisão a rever seus padrões, como aliás a programação da TV Cultura atingiu dois dígitos de audiência e forçou um dos concorrentes a rever seus programas para aquela faixa etária.

Estará no ar uma nova e saudável concorrência. Não mais por recursos, já que a maior parte dos financiamentos das redes pública e privada viriam de fontes diversas, mas por uma audiência cada vez mais exigente, qualificada e atuante. Teríamos uma televisão com a cara do país, aberta para o mundo, diversificada e plural, fiadora da democracia."

(*O Estado de São Paulo*, 29/05/05)

Conclusão

Baseando-me em tudo o que procurei expor neste livro, proponho que ele seja mais um instrumento utilizado em sala de aula, que as explicações tenham sido claras e que sejam úteis e encontrem nos leitores terreno para germinar a semente da vontade de escrever, e de ler muito mais, e assim melhor compreender o nosso mundo.

A feitura de um bom texto só é possível quando você consegue escrever espontaneamente, sem ficar se preocupando em usar a velha fórmula ensinada nos cursinhos: introdução, desenvolvimento e conclusão. As palavras vêm naturalmente até você, pois você está seguro, sabe o que quer escrever. Somente a prática constante da produção de textos o conduzirá a isto, a perder o medo de escrever.

Criar um tema de redação, criar os questionamentos que ele deve suscitar, e conduzir o aluno pelo caminho que desejamos que ele consiga traçar é o que desejei, sempre deixando a ele o papel de fazer as sinapses e concluir sozinho. É isso o que nós, professores, esperamos que seja o fruto do nosso trabalho.

Vou dizer mais uma vez: “Não existe fórmula pronta para se fazer redação”, é preciso ler muito, estudar, entender de história, geografia, matemática, enfim, saber um pouco de tudo para conseguir refletir e se destacar dos outros, para vencer a concorrência.

Agradeço desde já a sua compreensão, a colaboração infinita, os questionamentos feitos, e quanto aos que ainda surgirão, convido todos a os enviarem para mim, com seus comentários e questões tenho a certeza de que só poderei me enriquecer ainda mais, pois como todos sabem, e um dito cada vez mais popular afirma: “Ninguém tira da gente o saber.”

O meu objetivo foi atingido, aqui está o resultado, fico feliz por ter escrito essas linhas que considero esclarecedoras para os escritores em formação. E reafirmo que é somente através da prática incansável que os alunos irão encontrar o seu próprio estilo e se tornarem capazes de, a cada novo texto escrito por eles, se aprimorarem nesta arte que é tão majestosa, a arte de escrever.